

II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285

A INVESTIGAÇÃO-AÇÃO NO SUBPROJETO DE PEDAGOGIA: A UTILIZAÇÃO DA LITERATURA COMO UM INSTRUMENTO DE INCENTIVO A LEITURA

Atair José Bernardino de Jesus¹

Leonice Izaura Tochetto Arenhart²

Cléria Maria Wendling³

Resumo: Reconhecendo o professor como o principal incentivador da leitura na escola, buscou-se, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) subprojeto do curso de Pedagogia, construir ações de formação de professores voltadas para a inserção da *contação* de histórias no ciclo de alfabetização. Compreendemos que as histórias literárias contribuem com a ampliação do repertório para a construção de textos das crianças e para a compreensão de si e do mundo. Desse modo, este trabalho pretende apresentar uma experiência da utilização da literatura no ambiente escolar, fazendo reflexões sobre a temática, e problematizando a utilização da investigação-ação como a metodologia de trabalho utilizada como instrumento de formação de novos professores. As ações no PIBID tem uma importante contribuição na formação dos professores que recebem os bolsistas em suas turmas no que se refere à instrumentalização para a inserção mais efetiva da literatura no ciclo de alfabetização.

Palavras-chaves: Contação de histórias; Iniciação a docência; Investigação-ação.

A investigação-ação na rotina dos bolsistas de iniciação docente

302

O subprojeto de Pedagogia do Programa Institucional de Iniciação a Docência (PIBID), buscando uma formação mais sólida a acadêmicos do Curso de Pedagogia, inseriu 12 (doze) bolsistas dentro de duas escolas da rede pública de ensino. Nesse espaço é ofertada uma vivência real da prática docente ao passo que os bolsistas realizam atividades ora como professor colaborador e nas ações da regente, ora como responsável em reger a turma assumindo.

Para conseguir repensar a prática de maneira crítica, Todas as atividades dos bolsistas são registradas em diário de bordo que segundo Porlán e Martín (2004) é uma metodologia nuclear na formação de professores que tomam a prática educativa como objeto de investigação.

¹ Graduando do segundo ano de pedagogia na Universidade Estadual Do Oeste Do Paraná – UNIOESTE. Bolsista do Programa institucional de bolsas de iniciação a docência PIBID –2013 à 2014. Pesquisador no grupo de pesquisa IMAGINAR: grupo de pesquisa sobre o imaginário educação e formação de professores. E-mail: atair-jose@hotmail.com.

² Graduada em pedagogia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste. Ex-Bolsista de iniciação docente no PIBID, durante o ano de 2013. E-mail: leonice.tochetto@hotmail.com.

³ Mestre em educação pela Universidade Federal de Santa Maria. Professora assistente na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Pesquisadora no grupo de pesquisa IMAGINAR: grupo de pesquisa sobre o imaginário educação e formação de professores. E-mail: cmwendling@uol.com.br.

Sua utilização periódica permite refletir o ponto de vista do autor sobre os processos mais significativos da dinâmica em que está imerso. É um guia para a reflexão sobre a prática, favorecendo a tomada de consciência do professor sobre seu processo de evolução e sobre seus modelos de referência (PORLÁN, e MARTÍN, 2004, p.24. Tradução nossa).

Utilizamos a investigação-ação educativa como metodologia de trabalho ao passo que utilizamos a espiral de ciclos reflexivos composta por planejamento, ação, observação e reflexão. No planejamento as ações são planejadas traçando objetivos e estratégias de ação. A ação ocorre na escola na interação com os alunos e professores das escolas, envolvendo os auxílios aos professores regentes da turma e as regências propriamente ditas. A observação da ação é configurada pelo registro sistemático de suas ações em seu diário de bordo, que serve de fonte de dado para o passo seguinte. A reflexão acontece na universidade coletivamente, tomando os dados registrados no diário como objeto de análise.

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLENT, 2005, p.16).

303

Realizando reflexões sobre as praticas docentes, os bolsistas se encontram quinzenalmente na universidade, discutindo sobre as vivencias da sala de aula. É importante esclarecer, que a critica e a discussão realizada a partir das vivencias em sala de aula, se dão em especifico à pratica do pibidiano, e não do professor regente da turma. A investigação-ação é uma metodologia onde não se investiga a pratica do outro, todavia, as reflexões são feitas de maneira coletiva, todos do grupo, podem e devem compartilhar suas praticas, e assim, re-planejar a ação a partir da consideração do coletivo.

A Literatura no Subprojeto

Nos anos de 2010, 2011 e 2012, os Pibidianos já realizavam *contações* de histórias em atividades esporádicas que envolviam o ciclo de alfabetização. Nessas atividades os alunos eram reunidos para a apresentação das histórias em forma de teatro e *contações*. No entanto, entendíamos que era necessário que a literatura estivesse presente na rotina da escola e na prática dos bolsistas.

Em 2013 fora ofertado para professores e acadêmicos, uma oficina de contação de história no intuito de preparar os bolsistas e os professores para as atividades na escola. A partir de julho do

mesmo ano, a contação de histórias passou a fazer parte da rotina dos bolsistas e das 12 turmas atendidas pelo projeto de maneira quinzenal, cabendo ao bolsista planejar essa contação de história junto como uma atividade posterior. A escola solicitou que as histórias e as atividades mantivessem uma conexão com os conteúdos que estavam sendo trabalhados pelos professores durante a semana. O problema maior não estava em fazer uma mudança, mas em sustentá-la. O que também representava um desafio.

Quando nos propusemos a utilizar a contação de histórias como forma de incentivar a literatura, nosso objetivo encontrava-se em oportunizar para as crianças um contato positivo com a leitura. Nesta perspectiva, considera-se que é preciso olhar essas crianças, dialogar com ela sobre a forma de como ela vê o mundo, ouvir seus questionamentos e queixas.

Os contos de fadas oferecem figuras nas quais a criança pode externalizar o que se passa na sua mente, de modo controlável. Os contos de fada mostram à criança de que modo ela pode personificar seus desejos destrutivos numa figura, obter satisfações desejadas de outra, identificar-se com uma terceira, ter ligações ideais com uma quarta e daí por diante, como requeiram suas necessidades momentâneas. (BETTELHEIM, 1978, pg. 82).

304

Todas as regências onde o bolsista/professor contou histórias, também foram realizadas atividades pedagógicas a fim de materializar a história contada, por meio da confecção de materiais, como por exemplo, fantoches, onde foram trabalhadas, a coordenação motora fina, a convivência em grupos, reciclagem de materiais descartáveis. Desse modo os alunos aprendem a conviver com o outro, desenvolvem as suas potencialidades, além de compreenderem a necessidade de uma consciência ambiental.

A criança ao entrar na escola, encontra-se em um período de desenvolvimento de suas capacidades, estando ao mesmo tempo em fase de adaptação com o ambiente escolar. Durante o processo de ensino e aprendizagem existe a necessidade que o aluno tenha uma familiarização com o gênero textual estudado. Ao contar histórias às crianças do primeiro ano do ensino fundamental, o pibidiano busca trabalhar além de gêneros textuais já conhecidos, uma metodologia de ensino a qual a criança já encontra-se familiarizada, seja na educação infantil, ou até mesmo dentro de seus próprios lares.

Ouvir histórias, não é uma novidade, o que facilita a interação entre o professor, e os alunos. É relevante refletir, que enquanto contador de histórias, o professor, deve prevenir-se, excluindo de seu plano de aula definições de padrões sociais que possam atingir a criança enquanto

indivíduo, devendo, portanto utilizar a literatura como um instrumento libertador e transmissor de valores positivos, mas com ressalvas, uma vez que as morais utilizadas pelas histórias podem estar permeadas por ideologias que cerceiam a liberdade da criança.

Segundo Lajolo, devemos ser sempre criterioso ao levar a literatura para os alunos tendo em vista o meio social em que vivem, trabalhando de forma a desenvolver a imaginação e o gosto pela leitura, levando-os a entender que algumas histórias foram escritas em uma época diferente da nossa e para determinadas classes daquela época, onde a maioria não tinha acesso a leitura.

[...] A escola e a família podem ser instrumentos avessos a aventura e a emoção, mas detém a palavra final, constituindo nos abaluartes seguros que garantem aos pequenos protagonistas os requisitos fundamentais para sua sobrevivência. Eis como restabelecer o domínio dos maios velhos e dos objetos culturais, como os livros, qualificados, todos, como depositários do conhecimento e sabedoria. (Lajolo, 2007, p.118)

Sendo o professor um construtor do conhecimento, cabe a ele desconstruir a ideia de que para viver aventuras é preciso viajar. Apresentando a eles que por meio de obras literárias podemos descobrir que mundos da imaginação como o "Sitio do pica-pau amarelo" uma das obras mais conhecidas, é fictício, mas podem nos levar por viagens fascinantes sem precisar sair de casa.

Sempre que se inicia uma ação sobre uma realidade qualquer, é evidente que apareçam efeitos de toda ordem. A mudança de uma realidade provoca as mais diversas consequências. Com isso busca-se aproximar os alunos dos conteúdos construídos historicamente, da realidade concreta de cada sujeito. As atividades aplicadas e desenvolvidas junto com os alunos que acabam deixando marcas positivas, esta é uma experiência que causa satisfação, uma vez que na universidade estamos nos preparando para os momentos em que estaremos atuando como professores em sala de aula.

Considerações finais

Em meio a essa troca de conhecimentos, a problemática da falta da literatura na escola foi levantada, oportunizando um trabalho diferenciado, e necessário para a formação de jovens leitores no período de alfabetização, buscando desenvolver a expressão e a comunicação, nas interpretações sobre as histórias e sobre o mundo. O programa não promete, respostas sobre o problema, mas inicia uma proposta concreta de incentivo a literatura em sala de aula. Não é somente a atividade em si que ensinam, mas também as formas de interação, as trocas de experiências entre os alunos, onde eles partilham significados no processo de aquisição dos novos conhecimentos.

É difícil mensurar, até que ponto a utilização da literatura beneficiou alguma das crianças atendidas pela iniciativa desse subprojeto. Quando nossas ações são voltadas diretamente a indivíduos, quantificá-las em números é algo complexo, acreditamos até, impossível. Temos compreendido que a literatura é extremamente benéfica às crianças, e foi nisso que nos fundamentamos. Nessa iniciativa tivemos 12 (doze) acadêmicos dentro da sala de aula, experienciando uma nova maneira, de se trabalhar os conteúdos historicamente presentes nas escolas da educação básica. O que se foi aprendido, tanto por parte das crianças quanto dos bolsistas do programa, encontra-se como um conhecimento singular agregado de maneira diferente por cada um, e que fará diferença acreditamos nós, dentro da sociedade a qual fazemos parte, e em especial, nas salas de aula as quais esses hoje, iniciantes na docência atuaram como Professores.

Referências

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 9ª edição, 1980.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: História e histórias**. 6ª edição. Ed. São Paulo, 2007.

MENEGOLLA, Maximiliano, SANT'ANNA, Ilza Martis. **Por que planejar, Como Planejar?** Currículo, Aula, Área. 11ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PORLÁN, Rafael & MARTÍN, José. **El diario del profesor: un recurso para la investigación en el aula**. 9ª ed. Sevilla, Díada, 2004. Tradução livre por Cléria Maria Wendling.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 14TM edição. São Paulo: Cortez Editora, 2005.